

## Plano Geral de Trabalho

*Etapas para o 4º ano de Catequese*

*«Tens Palavras de Vida Eterna»*

<b>Setembro</b>	<b>Encontro Introdutório</b>		
<b>Mês</b>	<b>Etapa</b>	<b>Tema</b>	<b>Tempo (datas)</b>
	<b>1</b>	Somos testemunhas de Cristo	1 2 3 4
	<b>2</b>	Aprendemos a Evangelizar com os Apóstolos	1 2 3 4
	<b>3</b>	Preparar o Natal: “O verbo fez-se carne” (Jo 1, 14)”	1 2 3 4
	<b>4</b>		1 2 3 4
	<b>5</b>		1 2 3 4
	<b>6</b>		1 2

			3	
			4	
	<b>7</b>		1	
			2	
			3	
			4	
	<b>8</b>		1	
			2	
			3	
			4	
	<b>9</b>		1	
			2	
			3	
			4	

### 3ª Etapa:

#### Preparar o Natal “O verbo fez-se carne” (Jo 1, 14).

#### *Objetivos:*

Ao longo desta etapa a família, para além de relembrar os encontros desde a primeira hora, procura:

- Iniciar a preparação para o Natal, a partir da mensagem de João Baptista;
- Compreender o significado do título cristológico “Cordeiro de Deus”;
- Preparar o Natal com Maria, a Mãe de Jesus;
- Saborear o amor de Jesus, manifestado no milagre das Bodas de Caná e oferecido na Cruz;
- Identificar Jesus como Palavra de Deus que, por nosso amor, encarnou entre nós;
- Receber a Bíblia, dispondo-se a lê-la como Palavra de Deus.
- Celebrar o Natal de Jesus;
- Comprometer-se a dar testemunho de Jesus.

#### **Leitura integrada:**

No guia do Catequista «Tens Palavras de Vida Eterna», pp. 171-228

No Catecismo da Criança «Tens Palavras de Vida Eterna», pp.- 37-45.

DEZEMBRO Semana	Pais (na paróquia)	Filhos (na paróquia)	Família (em casa)
1ª			<i>Eis o Cordeiro de Deus/Fazei tudo o que Ele vos disser (cat. 8 e 9)</i>
2ª	<i>Eis o Cordeiro de Deus</i>  Sugestões para o diálogo em família	Síntese do diálogo em família <i>Fazei tudo o que Ele vos disser</i>	
3ª			<i>Preparação para a Celebração de Natal</i>
4ª	<i>“O Verbo fez-se carne” (cat.10)</i>		

<b>Domingo em família</b> A família na família cristã vivendo o Dia do Senhor	Celebração do Natal
--	---------------------

## 1ª Semana

### Diálogo em família

Conforme preparado com os pais, estes introduzem as crianças ao título cristológico de Jesus “Cordeiro de Deus”, *acompanhando a apresentação do Guia dos Pais nas páginas 49 a 54*, introduzindo, assim, as crianças na dimensão pascal do Natal e reforçando o seu conhecimento sobre a missão de Jesus. Deve recordar-se aos pais que será na Celebração do Natal que as crianças vão receber a grande «prenda de Natal», a sua Bíblia, procurando-se que todos tenham condições para adquirir e que as Bíblias sejam todas da mesma edição, de modo a facilitar a sua leitura aquando da catequese em grupo.

## 2ª Semana

### Na Paróquia

#### I. Encontro de Pais:

#### «Eis o Cordeiro de Deus» (Jo 1, 35)

Os pais inciam a a sua caminhada de Advento na perspectiva de compreenderem a íntima articulação do Natal com a Páscoa.

#### EXPERIÊNCIA HUMANA

#### Trabalho em pequenos grupos – 20 min.

Em pequenos grupos, os pais, sobretudo os casais, partilham a sua experiência habitual de preparação do Natal em família: Como tem sido vivido ao longo dos últimos anos? E este ano, **como temos pensada a nossa** preparação pessoal, de casal e de família para a vivência cristã do Natal de Jesus Cristo, integrando-a no percurso de aprofundamento da fé que estamos a realizar? O que é que recordamos da mensagem de João Baptista, uma das figuras do Advento, sobre Cristo como “Cordeiro de Deus”? Neste Menino que

«nos nasce» em cada Natal, conseguimos vislumbrar o Messias pascal, que pela sua morte e ressurreição, oferece a sua vida para que «todos tenham vida e a tenham em abundância» (cf. Jo 10, 10)? O nosso Natal é um Natal da verdadeira vida ou é celebrado apenas no contexto da cultura que habitamos?

## **REFLETINDO**

### **Em assembleia: partilha e aprofundamento – 20 min.**

Após os grupos apresentarem, em plenário, a partilha dos pais, o(a) Animador(a) incentiva as famílias a viver bem este tempo de caminhada até ao Natal, tão intenso para as crianças e para as famílias, aproveitando também para apresentar as eventuais campanhas que se estejam a lançar na comunidade e como se podem integrar na caminhada que se está a fazer na catequese familiar, ou da proposta do calendário de Advento que será depois referida. Depois apresenta o tema da catequese 8:

### **“1. A dimensão pascal do Natal**

São duas festas que, aparentemente, nada têm a ver uma com a outra. Mais: até se excluem nos acontecimentos nelas celebrados: no Natal, o nascimento para a vida; na Páscoa... Não, na Páscoa, não é o fim da vida, mas a vitória total e definitiva sobre a morte que é festivamente celebrada. Um triunfo pelo qual todo o ser humano sonha e luta desde o primeiro instante do seu nascimento. Mais: poder nascer, são e escorreito, já é um teste – um dos mais complicados – a que somos sujeitos nesta luta em que estamos existencialmente entranhados. Quantos seres o não conseguem passar! Quantas crianças cedem aos perigos em que está envolvido o parto, mesmo naquelas condições em que humanamente parece nada faltar!

Portanto, se a vida e a (luta contra a) morte estão, já neste ponto, tão intrinsecamente ligadas, então não pode haver Páscoa, como passagem da morte à vida, sem Natal, como (re-)nascimento para a vida, e vice-versa. (Re-)Nascimento por duas razões: primeiro, porque antes de nascermos, de facto, já vivíamos (no seio materno) – por isso, se diz em português, que a mãe dá à luz um ser que ainda a não via; segundo, porque o nascimento em condições físicas e mentais, pessoais e sociais, necessárias para uma vida humanamente saudável e digna, está provado que não nos chega. Basta ver a fragilidade e tantos condicionalismos em que a nossa vida decorre e continuamente a ameaçam. E, depois, de que serve a vida que vamos adquirindo, se não soubermos para

quê? E, mesmo sabendo-o, se não tivermos força para alcançarmos aquilo que sabemos ser a verdadeira vida?

Precisamos, por isso, d'Aquele que nos transcende e nos capacita para nos transcendermos: o Deus a quem, segundo a tradição judaico-cristã, chamamos Pai, pela relação de dependência e intimidade que com Ele estabelecemos, a começar pelo Batismo. Daí que chamemos a este sacramento “renascimento espiritual”. Espiritual, porque nele nos é oferecido aquele Espírito, aquela energia vital que só Ele e seu Filho Jesus Cristo possuem numa dimensão inesgotável: Cristo, como Deus feito homem, principalmente a partir da sua ressurreição gloriosa. É, por isso, na sua morte que somos batizados para, com Ele, ressuscitarmos para a vida.

Devido a esta centralidade do acontecimento pascal, em Cristo e naqueles que d'Ele vivem, por isso é que o Novo Testamento apresenta o nascimento de Jesus em perspectiva pascal. As condições precárias em que ele, segundo Lc 2, 1-7, decorre, num estábulo de Belém, são um prenúncio das condições extremamente mais precárias em que Ele morrerá em Jerusalém. E, se dúvidas houvessem, o mesmo Evangelista desfê-las na exposição da primeira visita do Menino ao templo de Jerusalém, quarenta dias depois de nascer: Uma espada trespassará a tua alma – diz o velho Simeão a sua mãe (2, 35). O mesmo acontece no Evangelho segundo S. Mateus: a tentativa de Herodes Magno de assassinar o Menino (2, 16-18) consumir-se-á cerca de trinta anos mais tarde, isto é, quando Ele, conforme nos é dito em Jo 1, 29-36, se tornar:

## **2. “O Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”**

Assim é apresentado por João Baptista – uma das figuras que, nas cerca de quatro semanas do Advento, nos prepara para o Natal – por duas vezes: primeiro, em toda a sua extensão, principalmente para os leitores, já que não se indica o público (Jo 1, 29); a segunda vez, em forma abreviada (sem as palavras: que tira o pecado do mundo), para dois dos discípulos de João Baptista (1, 36).

A repetição é sinal da sua importância, a diversos níveis. Em primeiro lugar, pela sua raiz no Antigo Testamento. Nestas palavras está condensada, praticamente, toda a história do Povo de Deus antes de Cristo, com realce para dois dos seus momentos mais relevantes:

– Primeiramente, o acontecimento pascal da libertação da opressão do Egito, do qual nasceu Israel como Povo de Deus. Que ela se tenha dado precisamente na noite em que se imolavam os cordeiros que, depois de assados, eram consumidos em refeição fraterna (cf. Ex 12), veio dar à festa um significado novo: passou de uma simples festa de pastores – celebrada na noite de lua cheia do princípio da Primavera, em que cada um partia com os seus rebanhos em busca de novas pastagens – para uma celebração comemorativa da libertação, alcançada nessa noite, da morte para a vida.

Esta festa permitia-lhes, todos os anos, voltar às origens, para ciclicamente recuperarem ou fortalecerem a vida: ofereciam a Deus um cordeiro dos rebanhos que Ele mesmo lhes oferecia, desde que lhes tinha proporcionado os meios necessários para viverem em liberdade, na terra onde corria leite e mel.

– Isto, até ao momento em que perderam essa terra e essa autonomia: quando, em 587, Jerusalém foi destruída e a maioria mais significativa dos seus habitantes foram deportados para a Babilónia. Por que razão Deus os tinha assim abandonado? – era a pergunta a que os profetas de então respondiam: por infidelidade à aliança com o seu Deus.

Este pecado carecia de expiação, isto é, da entrega, a Deus, da vida que lhes tinha dado e só a Ele pertencia. É neste contexto que a imolação dos cordeiros pascais ganha essa dimensão expiatória, em ordem ao perdão dos pecados.

E foi neste mesmo contexto que surgiu uma figura profética, de quem se fala na parte do livro de Isaías proveniente de um profeta que anunciou o fim do exílio na Babilónia e incentivou os judeus exilados a regressarem à Palestina (Is 40-55). Chamamos a essa figura Servo de IaHWeH, devido à sua total subordinação ao Senhor e à correspondente integridade de vida, na realização da sua missão, até à morte violenta de que foi vítima, exatamente por causa da sua justiça. Uma morte que, por isso, teve efeitos expiatórios e salvíficos infinitamente superiores aos do cordeiro pascal: a ele – morto como um cordeiro que é levado ao matadouro – ser-lhe-á dada uma multidão como herança (...), porque ele próprio entregou a sua vida à morte e foi contado entre os pecadores, tomando sobre si os pecados de muitos, e sofreu pelos culpados (Is 53, 7-12).

É caso para perguntar quando é que isso realmente aconteceu? Os primeiros cristãos não tiveram dúvidas: foi em Jesus de Nazaré, morto durante a festa judaica da Páscoa –

segundo o Evangelho de S. João, precisamente à mesma hora em que, em Jerusalém, eram imolados os cordeiros pascais. Daí que ele afirme, no final do seu relato, que isto aconteceu para se cumprir a Escritura, que diz: «Não se lhe quebrará nenhum osso», como se determinava em Ex 12, 10-46 relativamente ao cordeiro pascal (Jo 19, 36).

Que Cristo passa, por isso, a ser o verdadeiro Cordeiro Pascal, é anunciado pelo mesmo Evangelista, através de João Baptista, logo no início do seu Evangelho. Foi devido a esse anúncio que dois dos discípulos de João:

### 3. “Seguiram Jesus”

A cena é narrada em **Jo 1, 35-42**. E a este primeiro chamamento seguem-se outros, em que os chamados se tornam testemunhas d’Aquele que os chama, numa cadeia que leva à constituição da comunidade dos discípulos de Jesus. Tal é a atração que Ele exerce sobre quem o reconhece como Cordeiro de Deus ou Messias!

Só que isto levanta uma questão: se compararmos esta cena com a correspondente de Mc 1, 26-20; Mt 4, 18-22 e Lc 5, 1-11 – em que o chamamento se dá junto ao mar da Galileia e é feito diretamente por Jesus, que, além disso, se dirige em primeiro lugar a Simão Pedro – quando e como é que este e os restantes foram, pelo menos definitivamente, chamados por Jesus? E como se explicam as palavras de João Baptista, se Jesus estava ainda longe de ser morto na cruz?

A estas e outras questões semelhantes só se pode responder, de um modo genérico, a partir do processo de formação dos Evangelhos, na qual se distinguem três etapas. O Catecismo da Igreja Católica (n. 126) resume-as assim:

“1. A vida e os ensinamentos de Jesus. A Igreja sustenta firmemente que os quatro evangelhos, «cujas historicidade afirma sem hesitações, transmitem fielmente as coisas que Jesus, Filho de Deus, realmente operou e ensinou para salvação eterna dos homens, durante a sua vida terrena, até ao dia em que subiu ao céu» (DV 19).

2. A tradição oral. «Na verdade, após a Ascensão do Senhor, os Apóstolos transmitiram aos seus ouvintes (com aquela compreensão mais plena de que gozavam, uma vez instruídos pelos acontecimentos gloriosos de Cristo e iluminados pelo Espírito da verdade) as coisas que Ele tinha dito e feito» (DV 19).



3. Os evangelhos escritos. «Os autores sagrados, porém, escreveram os quatro evangelhos, escolhendo algumas coisas, entre as muitas transmitidas por palavra ou por escrito, sintetizando umas, desenvolvendo outras, segundo o estado das Igrejas, conservando, fielmente, o carácter da pregação, mas sempre de maneira a comunicarmos coisas verdadeiras e sinceras acerca de Jesus» (DV 19).”

As referidas divergências entre o Evangelho segundo S. João e os restantes situam-se na segunda e, sobretudo, na terceira etapa. Tudo indica que, o mais tardar na altura em que João escreveu o seu Evangelho (finais do séc. I), houvesse conflitos entre os cristãos (discípulos de Jesus) e os discípulos de João Baptista, e ainda que alguns destes tenham acabado por reconhecer a messianidade de Jesus e se tenham integrado em comunidades cristãs.

Quer para eles quer mesmo para os que seguiram Jesus durante a sua vida pública, (como Pedro e André, Tiago e João), a razão definitiva que os levou a deixarem tudo, foi o acontecimento pascal da morte e ressurreição de Jesus ou, no dizer de João, a sua condição messiânica de Cordeiro de Deus. Antes disso, quantos deles O abandonaram, na hora da morte!

E é isso que ainda hoje atrai tanta gente para Ele, para d’Ele dar testemunho – gente que, também no Natal, vive o mistério do amor salvífico consumado na Páscoa.»

Guia do Catequista, pp. 171-174

#### **ILUMINADOS PELO EVANGELHO**

**Leitura bíblica e reflexão, com a possibilidade dos participantes fazerem a sua partilha – 15 min.**

Para viver este momento, sugere-se que marque o início com o acender de uma vela, podendo também cantar-se um cântico. Durante o momento de silêncio para meditação pessoal pode haver uma música de fundo que ajude a rezar.

Lê-se **Jo 1, 35-42:**

“No dia seguinte, João encontrava-se de novo ali com dois dos seus discípulos. Então, pondo o olhar em Jesus, que passava, disse: «Eis o Cordeiro de Deus!» Ouvindo-o falar desta maneira, os dois discípulos seguiram Jesus. Jesus voltou-se e, notando que eles o seguiam, perguntou-lhes: «Que pretendeis?» Eles disseram-lhe: «Rabi - que quer dizer Mestre - onde moras?» Ele respondeu-lhes: «Vinde e vereis.» Foram, pois, e viram onde morava e ficaram com Ele nesse dia. Eram as quatro da tarde.

André, o irmão de Simão Pedro, era um dos dois que ouviram João e seguiram Jesus. Encontrou primeiro o seu irmão Simão, e disse-lhe: «Encontrámos o Messias!» - que quer dizer Cristo. E levou-o até Jesus. Fixando nele o olhar, Jesus disse-lhe: «Tu és Simão, o filho de João. Hás de chamar-te Cefas» - que significa Pedra.

No dia seguinte, Jesus resolveu sair para a Galileia. Encontrou Filipe, e disse-lhe: «Segue-me!» Filipe era de Betsaida, a cidade de André e de Pedro. Filipe encontrou Natanael e disse-lhe: «Encontrámos aquele sobre quem escreveram Moisés, na Lei, e os Profetas: Jesus, filho de José de Nazaré.» Então disse-lhe Natanael: «De Nazaré pode vir alguma coisa boa?» Filipe respondeu-lhe: «Vem e verás!» Jesus viu Natanael, que vinha ao seu encontro, e disse dele: «Aí vem um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento.»

Disse-lhe Natanael: «Donde me conheces?» Respondeu-lhe Jesus: «Antes de Filipe te chamar, Eu vi-te quando estavas debaixo da figueira!» Respondeu Natanael: «Rabi, Tu és o Filho de Deus! Tu és o Rei de Israel!» Retorquiou-lhe Jesus: «Tu crês por Eu te ter dito: ‘Vi-te debaixo da figueira’? Hás de ver coisas maiores do que estas!» E acrescentou: «Em verdade, em verdade vos digo: vereis o Céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo por meio do Filho do Homem.»”

O catequista ajuda o grupo a refletir sobre o texto lido/escutado, seguindo o esquema da *Lectio divina* introduzido na etapa anterior:

### 1 – *O que diz o texto bíblico em si?*~

Na eucaristia escutamos o celebrante proclamar “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo?” quando ergue e nos mostra o hóstia. E é ao repetir as palavras que Jesus disse na última Ceia, quando pegou no pão e disse: “Isto é o meu Corpo entregue por vós”, que o pão passa a ser o Corpo de Cristo entregue por nós, na cruz. Ele deu a vida por nós e por todas as pessoas, para que se arrependam dos seus pecados e fiquem

limpas deles. Para que passem a amar a Deus e aos outros como Jesus nos ama. Ora, na mesma altura em que Jesus morria, na cidade de Jerusalém, como sabemos, celebrava-se a Páscoa, festa marcada pela morte do cordeiro, que era assado e comido em família. Esse cordeiro servia para lhes lembrar que os seus antepassados tinham sido escravos no Egipto mas que, conduzidos por Moisés, escolhido e guiado por Deus, tinham conseguido libertar-se e fugir do Egipto. Este acontecimento crucial para o Povo de Deus era celebrado, então, com a festa da Páscoa. Chamavam ao cordeiro o “Cordeiro Pascal”.

Pois bem, Jesus, ao dar a vida precisamente nessa altura de festa, passou depois a ser chamado por todos os cristãos “o Cordeiro Pascal”. Ao dar a vida por nós, liberta-nos do pecado, do mal, da miséria... Hoje é, sobretudo, na Missa que nós recebemos o amor de Jesus, que nos dá força para evitarmos pecar, de fazer e pensar o mal. Ele liberta-nos do pecado, tira o pecado de nós e, por meio de nós, também dos outros: o pecado do mundo.

João Baptista compreendeu o que esperava Jesus e o que nos esperava a nós, pelo seu sacrifício, e por isso o formulou: Jesus é “o Cordeiro de Deus”, aquele que nos liberta da escravidão do pecado! **“Cordeiro de Deus... que tira o pecado do mundo”**.

*2 – Que nos diz o texto bíblico a nós?”*

Durante um breve momento de silêncio, cada um é convidado a reler o texto a partir desta questão: o que me diz a mim este texto?

*3 – Que dizemos nós ao Senhor, em resposta à sua Palavra?”*

O animador convida a um breve momento de partilha...

*4 – Que conversão da mente, do coração e da vida nos pede o Senhor?”*

O catequista convida os pais/famílias a registarem a proposta de conversão da mente, do coração e da vida num cartão, para que esta proposta possa ser posta em prática durante o Advento, tanto individualmente como em casal.

Pode terminar-se com um cântico ou com uma oração em comum:

**Como André e Simão Pedro**

**Irei contigo, seguir-te-ei.  
Rabi, Mestre, Messias prometido,  
Onde morares eu morarei.**

*O Animador sugere como leitura e reflexão para casa:*

**“1. A consoada...**

Não se sabe ao certo qual a origem etimológica desta palavra. O mais provável é que tenha vindo do verbo latino *consolari* (em português, consolar) que, por sua vez, poderá ter sido, inicialmente, uma palavra composta, na raiz da qual estaria a preposição *cum* (com) e o adjetivo *solus* (só).

Neste caso, a con-solação seria o sentimento resultante do desaparecimento da solidão, uma situação desagradável e, muitas vezes, desumana. Sendo o ser humano, por natureza, social, haverá alguém que consiga viver, toda a vida e de um modo permanente, isolado dos outros?

De onde nos vem, por exemplo, a quase totalidade da alimentação que recebemos? De facto, originariamente chamava-se consoada à pequena refeição que se tomava à noite, em dias de jejum.

Nessas condições, é muito maior a consolação ou satisfação que habitualmente se sente após uma refeição, mesmo que leve. Daí passou-se a designar por consoada a refeição tomada na noite de Natal, no final de um dia de jejum, como, aliás, acontecia na preparação de outras festividades.

A abstenção temporária de alimentos, desde que a saúde o permita, ajuda a concentrar-nos em Deus, cujas intervenções salvíficas celebramos e de quem dependem todos os bens.

E como a véspera de Natal era também de abstinência (de carnes), isso levou a que, entre nós, se impusesse o hábito de, nessa mesma refeição, se consumir sobretudo o bacalhau, possivelmente por ser, até há não muitos anos, o peixe mais fácil de adquirir em pleno Inverno.

Mas a consolação que se experimenta na consoada, provém, também e até mais, daquilo que o termo exprime na sua possível origem etimológica: na refeição em comum, as pessoas que nela participam, saem do seu isolamento ou mesmo solidão, tantas vezes

dolorosa, para partilharem, mutuamente e de modo livre e gratuito, outros presentes de que eventualmente necessitam e que, pelo menos, exprimem e fortalecem a comunhão entre elas.

Daí que a refeição natalícia tenha um cunho predominantemente familiar, mesmo entre pessoas que não estão unidas por laços de sangue ou de outro parentesco.

Se isso é necessário noutras épocas do ano e por outros motivos, no Natal talvez mais: porque, fazendo mais frio, pelo menos entre nós e noutros povos do hemisfério norte – em que está situada a cidade de Roma, onde a festa nasceu em honra do “Sol Invicto” – é maior a necessidade do calor da amizade que exige aproximação mútua, convívio; e, sobretudo, porque Aquele cujo nascimento nessa noite celebramos se fez homem, para que, no seu dizer, todos *tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10, 10)* – a vida que Ele, qual sol invencível, nos obteve pelo total dom da sua vida, num amor ilimitado. Mostrou-o, logo na abertura da sua vida pública, ao participar numas bodas:

## **2. ...Em Caná da Galileia...**

O episódio, narrado em **Jo 2, 1-11**, (SUGERE-SE QUE SEJA LIDO EM FAMÍLIA) impressiona qualquer leitor atento, antes de mais porque nele se conjugam duas realidades desde sempre fundamentais para a vida: a refeição e o casamento. Ambas garantem a subsistência humana. E não apenas materialmente: o alimento dá e/ou mantém a saúde; da união do homem e da mulher, resultam a procriação e a consequente manutenção da espécie. Para além disso e para que isso tenha verdadeiramente sentido, precisamos da comunhão de vidas que tanto a refeição como o casamento, de facto, proporcionam. Daí que, habitualmente, não haja casamento sem banquete. Como não há verdadeiro banquete sem união entre os comensais, incluindo os noivos que nele participam.

E é para isso que o vinho pode contribuir. Entre as dádivas pelas quais a alma do crente é convidada a bendizer o Senhor, lá está *o vinho que alegra o coração do homem (Sl 103/104, 15)*. E do banquete que Ele, nos tempos finais da história, há-de preparar para todos os povos, fazem parte também *vinhos velhos e bem tratados (Is 25, 6)*.

Por isso Jesus, na sua atividade messiânica de proclamação e instauração do Reino de Deus, privilegia as refeições, quer promovendo-as quer apoiando-se nelas, designadamente nas suas parábolas. Chega mesmo a ser um motivo de escândalo para

os que O rejeitam, devido a alguns daqueles com os quais convive: *Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizeis: «Aí está um glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores» (Lc 7, 34).*

Pagou a rejeição com a própria vida. Mas, não antes de ter instituído nela um memorial, na última refeição com os discípulos, em que lhes entregou o cálice com – segundo Ele diz – *o meu Sangue, Sangue da aliança que vai ser derramado por muitos, para perdão dos pecados.* E acrescentou a promessa: *Eu vos digo: não beberei mais deste produto da videira, até ao dia em que beber o vinho novo convosco no Reino de meu Pai (Mt 26, 28-29).*

É, pois, uma aliança eterna, e já iniciada, que tem uma das suas mais sugestivas expressões na união matrimonial. Já no Antigo Testamento, e repetidamente, assim nos é apresentada a relação vital de Deus com o seu povo. E é para que ela se torne finalmente uma realidade plena e inabalável, que Jesus, segundo S. João, começa a sua atividade messiânica por transformar a água num vinho inigualável pela sua quantidade e qualidade.

S. João chama a este milagre, como de resto a todos os milagres de Jesus, um *senal (Jo 2, 11)* que aponta para o amor inexcedível que Ele irá manifestar na sua *hora – a da passagem deste mundo para o Pai, na qual Ele, que amara os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim (Jo 13, 1)*, isto é, até ao extremo de por eles e por todos consumir o seu amor, pela entrega a Deus do seu Espírito, o seu hálito vital (**Jo 19, 30**).

Foi este mesmo Espírito que Ele depois – *ao terceiro dia* (como em Caná da Galileia, 2, 1) – soprou sobre os seus discípulos, capacitando-os assim para serem testemunhas deste amor, que tem uma das mais fortes expressões no perdão (**Jo 20, 22-23**).

E tudo isto sucedeu:

### **3. ...Com a Mãe de Jesus**

No Evangelho segundo S. João, Maria aparece na vida do seu Filho, pelo menos de um modo ativo, apenas duas vezes. Comparando com outros Evangelhos, sobretudo o de S. Lucas, pode parecer pouco... mas bom!

Antes de mais, por ser em dois momentos decisivos da atividade messiânica de Jesus: no seu arranque, nas bodas de Caná, e na sua consumação, junto à cruz (**Lc 19, 25-27**). Isto é, tudo o que Jesus faz e diz, está envolvido pela presença e intervenção materna de

sua Mãe. Com efeitos para a compreensão do que fazem, tanto a Mãe como o Filho, e daquilo que, de ambos, recebem os que n'Ele acreditam. O que é, realmente?

Chama também a nossa atenção o modo como ela, neste Evangelho, é identificada. O Evangelista nunca a trata pelo nome próprio – Maria – mas sempre por *Mãe de Jesus*. E o Filho nunca lhe chama Mãe, mas sempre *Mulher*. Se o primeiro título exprime, muito melhor do que o simples nome próprio, a relação íntima e vital entre ambos, o segundo, pelo menos nas nossas línguas, é indicativo de um certo distanciamento e, como tal, parece desdizer essa mesma relação. Será?

Repare-se como, neste Evangelho, sucede algo de semelhante com a identificação daquele que, direta ou indiretamente, se apresenta como autor. A partir do relato da última Ceia, aparece, praticamente sempre, como *o discípulo que Jesus amava*. É o caso da referida cena junto à cruz, onde se encontra também a Mãe de Jesus. E a razão destes anonimatos, tudo indica que é a mesma.

No que toca ao autor do Evangelho, parece claro: sendo ele – como o próprio diz, mais do que uma vez – testemunha do que escreve (**Lc 19, 35; 21, 24**) e sendo o conteúdo do seu testemunho, no seu todo, uma mensagem de amor, proveniente do Pai, vivido pelo Filho e acolhido particularmente pelos discípulos, então percebe-se que nele, no autor, interesse apenas esse mesmo amor. Se é dele e para ele que vive, é ele que o identifica. O título que a si mesmo se atribui é uma síntese do que escreve, vivida até no ato de escrever.

Não quererá ele dizer o mesmo com a Mãe de Jesus? Já ao nível meramente humano, só é verdadeiramente mãe a mulher que ame o filho a quem dá a vida, dando-se na vida que lhe dá. E sentir-se-á tanto mais mãe, quanto mais o filho encarnar esse amor. Maria experimenta-o, num grau inexcelsível, na hora em que o Filho está para dar toda a sua vida. Tanto, que *desde aquela hora o discípulo acolheu-a como sua própria Mãe*, depois de o Filho, na vivência máxima do amor, os ter oferecido um ao outro: *Mulher, eis o teu filho! e eis a tua Mãe!* (**Lc 19, 26-27**).

É uma oferta, feita na oferta da vida, que vai permitir aos que recebem essa vida, vivê-la na mesma oferta de um amor que não mais conhece fronteiras, no tempo e no espaço. E nesta família então fundada, cada um dos seus membros é, ou deve ser, conhecido por aquilo que faz e o identifica: *Todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros* (**Lc 13, 35**). E é assim que, nela, toda a mulher é mãe, mesmo a

que o não seja em sentido literal e carnal. Como toda a mãe tem de ser mulher. Será por isso que Jesus chama *Mulher* à sua Mãe? De qualquer modo, na época, o título exprimia, não distanciamento, mas apenas respeito. E é com esse mesmo respeito e atenção que devemos acolher a sua recomendação: *Fazei tudo o que Ele vos disser* – tudo o que brota daquele amor com que devemos viver o Natal do seu Filho, a começar pela consoada.”

O Catequista pode aproveitar para ensaiar com os pais o cântico “Tu tens palavras de vida eterna”, seguindo-se um momento de oração:

#### **“Benedictus (Cântico de Zacarias)**

Bendito seja o Senhor Deus de Israel,  
Porque a seu povo visitou e libertou;  
e fez surgir um poderoso Salvador na casa de Davi, seu servidor,  
como falara pela boca de seus santos,  
os profetas desde os tempos mais antigos,  
para salvar-nos do poder dos inimigos  
e da mão de todos quantos nos odeiam.  
Assim mostrou misericórdia a nossos pais,  
Recordando a sua santa aliança  
e o juramento a Abraão, o nosso pai,  
de conceder-nos que, libertos do inimigo,  
a ele nós sirvamos sem temor  
em santidade e em justiça diante dele,  
enquanto perdurarem nossos dias.  
Serás profeta do Altíssimo, ó menino,  
pois irás andando à frente do Senhor  
para aplainar e preparar os seus caminhos,  
anunciando ao seu povo a salvação,  
que esta na remissão de seus pecados,  
pela bondade, e compaixão de nosso Deus,  
que sobre nós fará brilhar o sol nascente,  
para iluminar a quantos jazem entre as trevas,



e na sombra da morte estão sentados  
e para dirigir os nossos passos,  
guiando-os no caminho da paz.  
Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.  
Como era no princípio, agora e sempre.  
Ámen.

Ou então, reze-se o **Magnificat**, oração adequada ao texto a refletir em casa. O Magnificat também pode ser sugerido como oração para acompanhar o Advento da Família. Pode organizar-se da seguinte maneira:

1. Preparar com as crianças um calendário do Advento que, na sua versão mais simples, pode ser uma folha de cartolina de cor onde se desenham vinte e quatro casas, cada uma indicando um número de 1 a 24. O calendário pode ser embelezado de muitas formas, sendo que cada dia é marcado por um saquinho de pano ou papel, e receber um suporte mais rico do que a folha de cartolina. Pode, mesmo, ser realizado em cartão ou madeira e a cada dia corresponder uma pequena gaveta. A decoração do calendário será tão bela e natalícia quanto possível, aproveitando-se para recordar com as crianças os símbolos do Natal que já foram introduzidos em anos anteriores. Cada dia pode ser salientado por um desenho ou recorte feito pelas crianças.
2. Copiar o texto que se indicou anteriormente – preferencialmente numa versão adaptada à compreensão das crianças – e dividi-lo em 24 partes com sentido. Recortar o papel de cada parte e colar com um piones ou colocar nos saquinhos ou gavetas do Calendário o papel, dobrado ou enrolado, por ordem, do dia 1 de dezembro ao dia 24 de dezembro.
3. De 1 de dezembro até à véspera de Natal, antes de as crianças irem para a cama, retirar o pedaço de texto e lê-lo, de forma rezada e refletida, com toda a família. Providenciar uma bonita folha de papel, com o tamanho necessário ao texto, e ir colando nessa folha os pedaços de texto lidos. Colocar a folha perto da Bíblia da família. Terminar com a recitação do Magnificat.
4. Quando o texto faz a referência a uma passagem da Bíblia, ajudar as crianças a ler a passagem e a compreendê-la.
5. Completar o texto na véspera de Natal e relê-lo na manhã do dia de Natal, antes de se distribuírem as lembranças.

6. Nota: quando as crianças já tiverem recebido a sua Bíblia pessoal lembrar-lhes de que já podem ler os textos a partir dela.

No final, o(a) Animador(a) dedica algum tempo para dar sugestões aos pais sobre o *Diálogo em Família* na semana seguinte, que deverá preparar a **Celebração de Natal**. Segue o *Guia dos Pais*, pp.

Como tem sido habitual, antes da **Celebração**, pais e filhos reúnem-se em simultâneo: o(a) Animador(a) prepara com os pais a celebração, refletido sobre o seu significado, e, no final dá-lhe sugestões para abordarem o próximo *Diálogo em Família*; entretanto, o(a) Catequista, depois de estimular a partilha das crianças sobre o diálogo com os pais, prepara-as para a Celebração. Este encontro que antecede a celebração não deve ser muito longo, pois o que interessa é proporcionar uma celebração vivida e sentida.

Aos Pais foi entregue o texto que a seguir se transcreve, sugerindo que seja trabalhado não só pelas famílias de cada criança – convidando aqueles que participarão da Celebração (irmãos, avós, padrinhos, ...) – como, a ser possível, reunindo duas ou três das famílias. Naturalmente, também é possível preparar um encontro do grupo para essa reflexão e convidando os pais das crianças que frequentam a catequese no regime de catequista em exclusivo. Todas as famílias, em conjunto, prepararão a Celebração de Natal, a viver em conjunto com toda a comunidade de fé. A Celebração pode, por isso, ter lugar durante a Eucaristia.

Atendendo a que as famílias já fazem esta caminhada há algum tempo, podem tornar a preparação da Celebração de Natal um momento de partilha com algum grupo da comunidade de fé, um passo expressivo da vivência do Natal como experiência de acolhimento e doação, partilha e encontro, já que esta Etapa da Catequese Familiar está a ser vivida na perspetiva do testemunho: “Comprometer-se a dar testemunho de Jesus”, dizem os objetivos desta etapa. Sugerimos, entre outros grupos, os seguintes:

- Grupo de idosos do Centro Social Paroquial (ou outro), aproveitando para lhes oferecer uma tarde de animação e companhia;

- Jovens casais que batizaram recentemente os seus filhos, organizando uma tarde ou serão de sensibilização para a catequese e propondo-lhes um projeto de acompanhamento do Despertar Religioso dos seus filhos, na linha de uma Catequese Familiar com os mais pequeninos; prever um espaço para as crianças pequenas poderem ser acolhidas e atendidas, de modo que os pais possam participar descansadamente;
- Grupo de adolescentes, envolvendo-os numa catequese de preparação para o Natal de carácter intergeracional; prever o contributo ativo dos mais jovens, seja na preparação de um lanche, na apresentação das atividades da sua vida pastoral ou qualquer outro modo adequado de participação ativa.

Para aprofundar o espírito de encontro e dádiva, garantir que os grupos convidados participam empenhadamente e não se limitam a escutar e observar. Pode haver uma troca de dons, sendo uma parte preparada pelos pais da Catequese e outra pelo grupo escolhido.

Os membros destes grupos serão convidados a participar na Celebração.

Também é importante que as famílias sejam informadas detalhadamente dos passos da Celebração, da simbologia que utiliza e dos cânticos, que devem ser bem aprendidos por todos, se necessário, com a ajuda do CD musical relativo ao catecismo 4.

**Depois, os pais reúnem-se com os filhos para lhes transmitirem as explicações recebidas e iniciarem a preparação dos cânticos.**

## **II. Catequese das crianças:**

### **«Eis o Cordeiro de Deus»**

O(a) Catequista, depois do acolhimento adequado, começa por provocar as crianças a partilharem o que aconteceu no *Diálogo em Família*.

Em seguida, o(a) Catequista faz a primeira catequese, «Eis o Cordeiro de Deus» (*Guia do Catequista*, pp.-171-188).

### **3ª Semana**

#### **Diálogo em Família**

##### **«Fazei tudo o que Ele vos disser»**

*Acompanhar a explicação com a apresentação do Guia dos Pais nas páginas 55-57 e 61-72, para a preparação efetiva da Celebração de Natal.*

Em casa, os pais vão ajudar as crianças a preparar a Celebração de Natal e a vivência deste. Em cada família, deve procurar-se que todos aprendam os cânticos da Celebração. Também se sugere que as famílias preparem um número adequado de cartões de Natal com o texto inscrito no catecismo para «Guardar na Memória e no Coração», e que serão oferecidos, no final da Celebração, a todos os participantes:

**«Jesus Cristo é o Verbo de Deus**

**que estava com Deus**

**e se fez carne**

**para habitar entre nós.**

**(cf. Jo 1,1-14).»**

### **4ª Semana**

#### **Domingo em Família**

##### **“O Verbo fez-se carne” (Jo 1, 14) – Celebração de Natal**

## **CELEBRAÇÃO DE NATAL**

A Celebração de Natal deve acontecer algumas horas antes a Eucaristia dominical ou, no Sábado à tarde, na Missa vespertina. Também poderá ser noutra dia. É importante tempo, para que a celebração, sem pressas, se revista de todo o seu significado. Seja qual for o momento escolhido, as famílias devem levar desta celebração uma partilha para a Eucaristia dominical da comunidade.

## Preparação da Celebração de Natal

1. Começar com a recitação do poema indicado, da autoria de Tolentino de Mendonça, sacerdote, biblista, professor universitário e homem de cultura. Procurar que o texto seja bem lido/declamado, acompanhado de alguma simbologia cénica. Pode ser antecedido, e/ou seguir-se-lhe um momento musical de qualidade, que ajude à sua interiorização.

### «O Natal não é ornamento

O Natal não é ornamento: é fermento

É um impulso divino que irrompe pelo interior da história

Uma expectativa de semente lançada

Um alvoroço que nos acorda

para a dicção surpreendente que Deus faz

da nossa humanidade

O Natal não é ornamento: é fermento

Dentro de nós recria, amplia, expande

O Natal não se confunde com o tráfico sonolento dos símbolos

nem se deixa aprisionar ao consumismo sonoro da ocasião

A simplicidade que nos propõe

não é o simbolismo ágil das frases-feitas

Os gestos que melhor o desenham

não são os da coreografia previsível das convenções

O Natal não é ornamento: é movimento

Teremos sempre de caminhar para o encontrar!

Entre a noite e o dia

Entre a tarefa e o dom

Entre o nosso conhecimento e o nosso desejo

Entre a palavra e o silêncio que buscamos

Uma estrela nos guiará

José Tolentino Mendonça

## **2. Usando os meios de suporte à comunicação adequados, apresentar os conteúdos de aprofundamento:**

### **“O Verbo estava com Deus...”**

O prólogo do Evangelho segundo S. João – **Jo 1, 1-18** – é talvez um dos textos mais belos e, simultaneamente, mais densos de toda a Bíblia.

Não deve, por isso, ser lido a correr e, muito menos, em diagonal. Por outro lado, e pelas mesmas razões, não se tenha a pretensão de tudo nele compreender. Antes, o leitor é que tem de ser por ele compreendido, no sentido mais original da palavra: deixar-se prender e envolver por ele; ou melhor, por Aquele que nele lhe é revelado – Jesus Cristo, na sua condição de ser divino que irrompe na história dos homens com a energia vivificante que só Deus possui em plenitude.

É nesse sentido que Ele, numa linguagem predominantemente simbólica (a mais apropriada ao discurso sobre Deus), começa por ser chamado *Palavra* ou *Verbo*. Na origem e em si, são dois termos equivalentes. Se, entretanto e designadamente na atual tradução litúrgica da Bíblia, se prefere *Verbo*, é talvez porque este, hoje, se aplica mais àquela classe de palavras que exprimem uma ação, um processo ou um estado e, numa frase, funcionam como predicado – um dinamismo que está inerente ao correspondente

termo grego *Logos* (usado no original bíblico) e à nossa experiência humana sobre o poder vivificante que a palavra, sobretudo verbal, pode ter na nossa vida. Quanto bem (ou quanto mal) uma palavra nos pode fazer!

Quanto bem tem causado o anúncio da vitória definitiva de Jesus Cristo sobre a morte! Daí os primeiros cristãos terem chamado a essa Boa Nova, simplesmente, *Logos*. É como uma semente que, caindo em boa terra, dá fruto *a trinta, a sessenta e a cem por um* (Mc 4, 20). É tal a sua vitalidade, que, nos Atos dos Apóstolos, aparece quase como uma pessoa, um herói, imparável na sua expansão geográfica e etnográfica (6, 7; 12, 24; 19, 20). Paulo chama a quem por ele se deixa transformar uma *nova criação* (2 Cor 5, 17; Gal 6, 16). É dele que nasce e vive um novo corpo – a Igreja, Corpo de Cristo – porque *ele é poder de Deus para a salvação de todo o crente, do Deus que dá vida aos mortos e chama à existência o que não existe* (Rm 1, 16; 4, 17).

Nestas afirmações, S. Paulo está a basear-se também no texto bíblico da criação, segundo o qual o mundo e o homem surgem para a vida, porque *Deus disse* (10 vezes em Gn 1, 1-2, 4a). S. João vai mais longe: identifica explicitamente esse Verbo de Deus com Jesus Cristo, iniciando o seu Evangelho nos mesmos termos com que começa o primeiro livro bíblico: *No princípio, quando Deus criou os céus e a terra* (Gn 1, 1) – nesse mesmo *princípio*, (já) *existia o Verbo* (Jo 1, 1). Portanto, para lá de todos os princípios, – acrescenta S. João – *O Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus* (Ibidem).

É mais do que a sabedoria divina, descrita no Antigo Testamento com rasgos de pessoa. Ao contrário do Verbo, ela foi criada, embora como *primícia das obras divinas, desde a eternidade* (Prov 8, 22-23; cf. Sir 24, 3-5). E enquanto ela acompanha o seu Criador na formação dos céus e da terra (Prov 8, 27-31; Bar 3, 32-35) – que são, de facto, uma maravilha que não nos cansamos de contemplar (Sl 8) – o Verbo é agente exclusivo da criação: *Tudo se fez por meio d'Ele e sem Ele nada foi feito* (Jo 1, 3).

Da vida que d'Ele emana, faz parte, primeiramente, a luz (Gn 1, 3; Jo 1, 4), porque não há vida sem luz. Que o digam tantos que por Ele se deixam orientar, sobretudo desde que Ele veio ao mundo (Jo 1, 9)... mas que contrastam com tantos outros que, embora por Ele criados, ainda O rejeitam e, por isso, vagueiam errantes pelas trevas (1, 5.10-11). E os primeiros?

A esses – *que O receberam e acreditaram no seu nome* (identificativo da sua pessoa) – *deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus* (1, 12). E que poder! – Não o que se adquire por meios humanos, pela via meramente geracional da carne, do sangue, da vontade humana. Todos temos consciência de como isso é importante... mas insuficiente. Basta ver o que sucede pelo Natal: sem Deus, sem a força transformadora do seu amor, da sua graça, transmitida pelo seu Verbo, o Natal não passa de um ornamento... Uma desgraça a que, porém, crente algum se pode resignar. Antes deve levá-lo a proclamar, ainda com maior convicção:

### **3. “O Verbo fez-se carne e habitou entre nós”**

É assim que abre a segunda parte do prólogo (1, 14-18): com uma confissão de fé da parte daqueles que imediatamente antes, no auge da primeira parte (1, 1-13), eram proclamados como *filhos de Deus*. Um privilégio que devem exclusivamente a Deus que atua pela fé. Daí a sua proclamação.

A fé mantém-se e aumenta, na medida em que se vive na comunhão que, por ela, se estabelece com o Deus que se revela e como resposta a essa revelação. É assim que o ato de fé aparece, por exemplo, em celebrações mais festivas da Eucaristia, no auge da Liturgia da Palavra e como preparação para uma participação mais intensa na Liturgia propriamente Eucarística que é, de resto, o sacramento em que o Verbo de Deus, permanentemente, mais se torna carne e habita entre nós.

Mas não é a essa experiência sacramental que S. João, pelo menos primariamente, se refere aqui. É, sim, aos acontecimentos salvíficos de que a Eucaristia é memorial: a encarnação e a crucificação do Filho de Deus. Dois acontecimentos que formam um todo, incluído no termo “carne”, conforme é entendido na tradição bíblica.

“Carne” indica, em primeiro lugar, a dimensão externa, visível, palpável e comunicativa do ser humano e corresponde ao corpo. É por este que nos exteriorizamos e relacionamos. Foi nele que o Verbo eterno e criador de Deus *passou a habitar entre nós* (Jo 1, 14), como outrora o Senhor tinha habitado entre o seu Povo, na tenda onde era depositada a Arca da Aliança com os seus Dez Mandamentos (Ex 25, 10-25; 33-34). E é por isso que, agora, no corpo humano do Verbo incarnado, nós, os crentes, confessamos *ver a sua glória, glória que lhe vem do Pai como Filho Unigénito, cheio de graça e*



*verdade* (Jo 1, 14) – a glória que se manifesta nas suas ações e palavras e, sobretudo, na sua crucificação. Glória, aí?!

“Carne” exprime também a dimensão terrena, frágil e caduca do ser humano. Veja-se como, num cadáver, é a carne, e não a estrutura óssea, a primeira a decompor-se. E é nisso que se situa a distância infinita entre Deus e o homem: enquanto este é como a erva que seca e a flor que murcha, *a Palavra do nosso Deus permanece eternamente* (Is 40, 6-8). Como se compreende então que esta mesma Palavra tenha assumido precisamente aquilo que mais se lhe opõe, até ao grau máximo da dolorosa e ignominiosa morte na cruz?

É que foi precisamente então que Ele mais se manifestou *cheio de graça e verdade*, a mesma com que Deus, o Senhor, se havia identificado, no passado, ao seu povo pecador (Ex 34, 6). E foi com este amor infinitamente gratuito e verdadeiro ou fiel, que Ele, o verbo incarnado, venceu a morte e se tornou inesgotável fonte de vida: quem come a sua carne, que Ele deu *pela vida do mundo, viverá eternamente* (Jo 6, 51.58).

Só esta Palavra feita carne e, depois, feita Palavra no Evangelho que a anuncia, só ela pode fazer do Natal, em que incarna, fermento e movimento: fermento que leveda a massa de quem a acolhe com fé, e o põe em movimento, ao encontro de tantos que ainda vivem o Natal como um mero ornamento.”

Do Guia do Catequista, pp.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

**1.** Esta celebração está construída num crescendo, expresso sobretudo em três cortejos e nas velas que, neles, vão sendo introduzidas. Toda ela foi planeada para uma ampla participação das famílias, pelo que se adapta muito adequadamente aos objetivos da Catequese Familiar. Dela fazem parte importantes os seguintes cortejos:

– **Na entrada e no acolhimento inicial**, é levado o crucifixo, com as duas primeiras velas. O crucifixo ajuda a recordar as duas catequeses anteriores, de preparação para o Natal: foi na cruz que Cristo mostrou o seu amor, expresso no título de “Cordeiro de

Deus” e no vinho das Bodas de Caná. Com isso, os participantes são convidados ao ato penitencial e à oração de louvor, oferecida no Magnificat.<sup>1</sup>

– **No cortejo com a Bíblia e mais duas velas**, é introduzida a Palavra de Deus, na qual Cristo é proclamado como Verbo de Deus que se fez carne, por nosso amor. Para maior impacto, convém que a Bíblia tenha um tamanho maior do que o habitual. Pode ser do formato de uma Bíblia litúrgica.

– **No cortejo com a imagem do Menino Jesus e mais duas velas**, é apresentado, de um modo mais visível, Aquele que antes fora anunciado como Verbo feito carne no seio de Maria. A junção da Bíblia com a imagem pode ajudar a compreender a mensagem recebida e levar os participantes a uma expressão da sua fé, manifestada na homenagem feita ao Menino Jesus, na sua imagem e na Bíblia. Atinge-se assim o ponto alto da celebração.

**2.** De seguida, são entregues as Bíblias às crianças, pelos seus pais e/ou padrinhos ou outros familiares/educadores. Convém que cada criança tenha consigo alguma dessas pessoas. Se tal for de todo impossível, que os familiares a enviem pelo catequista. Podem escrever na Bíblia uma pequena dedicatória, que seja, por exemplo, de incentivo à sua leitura, por ser a Palavra de Deus. Para que tal aconteça com a máxima adesão das famílias, recomenda-se a preparação cuidadosa de uma Reunião de Pais/Encarregados de Educação, para a qual os padrinhos também podem ser convidados.

**3.** Se as crianças trouxerem consigo convidados, tal qual foram sugeridos nas catequeses anteriores, faça-se, logo no princípio, uma referência a eles e louvem-se as crianças pelo resultado do seu empenho em dar testemunho de Cristo, levando outras pessoas a conhecê-l’O e segui-l’O. Se os convidados forem ainda crianças, podem, durante toda a celebração, ocupar um lugar junto das que as convidaram.

**4.** As tarefas, sugeridas no compromisso, podem ser indicadas na folha com “A Palavra de Deus na minha vida”, entregues a cada criança. Isso facilitará, certamente, a sua realização.

---

<sup>1</sup> Se a Celebração é vivida durante a Eucaristia, o celebrante pode ajudar os participantes a situar-se nesta reflexão. As explicações indicadas também podem ser dadas por um catequista, antes de se iniciar a Celebração.

5. O marcador oferecido a cada participante, durante a homenagem ao Menino Jesus, tem uma síntese da mensagem transmitida e vivida na celebração. Isso ajudará as crianças a não se esquecerem dela. Tanto mais que, como lhes será sugerido, irão servir-se desse marcador na Bíblia que recebem e irão usar, daqui em diante, em cada encontro da catequese.

6. Para que tudo decorra bem, procure-se que todos os intervenientes sejam bem preparados (nomeadamente os que participam nos cortejos e nas leituras). Se se achar oportuno, faça-se um guião da celebração, não com todos os seus pormenores, mas, ao menos, com os cânticos.

## **MATERIAIS**

- Um crucifixo (catequese anterior);
- Seis velas de tamanho idêntico e/ou que possam formar um conjunto harmonioso de três mais três;
- Uma Bíblia, se possível, de tamanho maior que o habitual (por exemplo, em formato litúrgico);
- Uma almofada, para nela ser colocada a Bíblia;
- Uma imagem do Menino Jesus de um tamanho proporcional ao da Bíblia;
- Duas folhas com o texto do Magnificat;
- Três folhas com o texto de Jo 1, 1-5.9-14, tendo assinaladas as partes previstas para cada leitor (ver Palavra);
- Imagens de seis talhas de água, para serem afixadas no placar;
- Figura de um Cordeiro Pascal, para ser afixado no placar;
- Dísticos: “O VERBO QUE ESTAVA COM DEUS” e “FEZ-SE CARNE E HABITOU ENTRE NÓS”, em papel recortado em forma de faixa;
- Marcadores de livro, um para cada participante, com a imagem do Menino Jesus, deitado numa Bíblia aberta, e as palavras “Jesus Cristo” (ao alto), “Palavra de Deus” e “Palavra da salvação” (ao fundo);

- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, uma para cada criança;
- Bíblias, uma para cada criança, embrulhadas como oferta, a entregar pelos pais e/ou padrinhos ou outros familiares.

## **MÚSICAS**

- “É Natal, salvação e luz, (ou outra natalícia);
- “Jesus Cristo, Cordeiro de Deus”;
- “Jesus Cristo, Palavra de Deus”;
- “Tu tens Palavras de vida eterna”.

## **PARTICIPANTES NA CELEBRAÇÃO**

- Além das crianças do grupo e seu(s) catequista(s), é de suma importância que estejam também os pais e/ou outros familiares e padrinhos do Batismo. São eles que entregam a Bíblia aos seus filhos ou afilhados, como prenda de Natal: um gesto que se insere na educação cristã das crianças, prometida no seu Batismo. Se necessário, mude-se a hora da catequese, para garantir que os adultos possam participar.
- São também bem-vindas outras pessoas, convidadas pelas crianças, como resultado do compromisso assumido nas duas catequese anteriores. Com a experiência vivida nesta celebração, essas pessoas poderão (re)encontrar o caminho para Cristo. E que felizes ficarão as crianças com isso!

## **LUGAR DA CELEBRAÇÃO**

- Se possível, seja a mesma sala em que as crianças têm habitualmente a catequese. Isso pode facilitar a ligação desta catequese com as anteriores.
- Se a sala, dado o número maior de participantes, for pequena, então procure-se uma sala com espaço suficiente para todos se sentarem.

Mas que não seja grande demais. É importante que o espaço seja propício à concentração, à comunhão e à oração.

## **PREPARAÇÃO DA SALA**

- No **placar**: seis imagens de talhas de água (a lembrar as Bodas de Caná), três de cada lado (e com espaço, ao centro, para o crucifixo); por baixo, uma imagem de um cordeiro pascal (a lembrar a mensagem de João Baptista).
- Sobre a **mesa**: apenas uma almofada (para a Bíblia), que pode ser ornamentada, de um lado e do outro, com palha ou outro material que, levemente, lembre a manjedoura de um presépio.
- As **cadeiras** sejam dispostas de modo a terem, se possível, um corredor ao meio: à frente para as crianças; atrás para os adultos.
- Nas paredes, uma pequena **ornamentação**, com motivos natalícios (por exemplo, estrelas), mas sem exagerar, para não ser motivo de distração. As ornamentações devem ter sido, preferencialmente, preparadas pelas crianças com os seus catequistas.

## II. DESENVOLVIMENTO DA CELEBRAÇÃO

### I. ENTRADA E ACOLHIMENTO

#### 1. Cortejo inicial

*À frente vai uma criança com o **crucifixo**, seguida de outras duas, com duas **velas acesas**. Seguem-se as restantes crianças (com os convidados, se forem crianças também), os familiares e outros convidados e os catequistas.*

*Depois do **cântico** de entrada, o crucifixo é afixado no placar, ao meio, e as velas são colocadas em cima da mesa, uma de cada lado.*

#### 2. Cântico de entrada

*“É Natal, salvação e luz” (ou outro natalício)*

#### 3. Saudação

*Presidente:*

**A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo**

**que por nós se fez homem**

**esteja connosco.**

*Todos:*

**Bendito seja Deus,**

**que nos reuniu no amor de Cristo.**

#### **4. Acolhimento**

*Presidente (depois de convidar as pessoas a sentarem-se):*

Que bem responderam!

Estamos mesmo reunidos no amor de Cristo.

Lembram-se de terem dito isto aqui, na catequese, e pela primeira vez, este ano?...

Desde esse primeiro encontro nos reunimos no amor de Cristo.

É Ele que nos une como irmãos. E que alegria isso nos traz!

E hoje, na festa do seu nascimento, ainda mais. Irão ver.

Até trouxeram outras pessoas convosco.

Querem apresentá-las, para todos as conhecermos melhor?...

*Depois de uma brevíssima apresentação dos familiares e outros convidados, feita pelas crianças:*

#### **5. Ato penitencial**

*Presidente:*

Expliquem agora aos vossos familiares e convidados como é que preparámos esta festa de Natal. Podem servir-se dos sinais que estão ali no placar...

Comecemos por aquela figura de um cordeiro. Não é bem como os cordeirinhos que às vezes colocamos no presépio, pois não?...

Então, quem é que estará representado naquele cordeiro?...

E quem é que nos apresentou Jesus como um cordeiro?...

Digam lá quais foram as palavras exatas de S. João Baptista:

**“Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”.**

E que fez Jesus para tirar os pecados do mundo?...

Exatamente: deu a sua vida na cruz, durante a festa da Páscoa, na mesma altura em que as pessoas da sua terra preparavam os cordeiros para comerem nessa festa. Esses cordeiros lembravam-lhes a libertação das maldades que, muitos séculos antes, tinham feito aos seus antepassados.

Agora é Jesus quem dá a vida, para que as pessoas não sofram mais nem façam maldades. Só assim podemos ser verdadeiros irmãos que se amam como Jesus nos ama.

Para que isso aconteça hoje aqui, proponho que pensemos um bocadinho nas maldades e pecados que tenhamos cometido. Para pensarmos melhor, até podemos fechar os olhos...

*Depois de um breve silêncio:*

Agora, de pé... Peçamos perdão a Deus e uns aos outros dos pecados que fizemos, dizendo a sua confissão:

*Todos:*

**“Confesso a Deus todo poderoso e a vós irmãos...”**

*(Ou o ato de contrição: “Meu Deus, porque sois tão bom...”)*

*Presidente:*

**Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós,**

**perdoe os nossos pecados**

**e nos conduza à vida eterna.**

*Todos:*

**Amen.**

*Presidente:*

Agora cantemos, todos, o **cântico** a Jesus Cristo, nosso Cordeiro Pascal:

*Todos:*

**“Jesus Cristo, Cordeiro de Deus”** (*refrão e estrofe*)

## **6. Oração**

*Presidente: (depois de todos se sentarem):*

Como André e Simão Pedro, também nós queremos seguir Jesus e estar com Ele, onde Ele mora. Hoje, vai ser aqui.

E que nos oferece Ele? Que aconteceu com os primeiros discípulos? Onde é que Jesus foi com eles, depois de Ele os chamar? Olhem para o placar... Que nos lembra a imagem daquelas seis talhas?...

Exato: as bodas de Caná. Faltou o vinho, e Jesus transformou a água em vinho.

E que representava aquele vinho tão bom?...

Mais uma vez, o grande amor de Jesus, ao dar a vida por nós. E que saboroso é este amor!



Só falta dizer quem é que chamou a atenção de Jesus para aquela falta de vinho...

Sua Mãe, Nossa Senhora.

E que mais nos disse ela?...

“Fazei tudo o que Ele vos disser.”

E como nós temos procurado fazer, proponho que louvemos o Senhor por isso.

Rezemos-lhe aquela oração que nos foi ensinada pela Mãe de Jesus.

Cantemos o princípio, podendo elevar as nossas mãos, e, depois, dois de vós rezam-na, como fizemos na última catequese. De pé...

*Todos:*

**Cântico** (*com as mãos elevadas*):

**“A minha alma glorifica o Senhor”** (*só o refrão*).

*1º leitor:*

**A minha alma glorifica o Senhor**

**e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.**

**Porque pôs os olhos na humildade da sua serva:**

**de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.**

**O Todo Poderoso fez em mim maravilhas.**

**Santo é o seu nome.**

**A sua misericórdia se estende de geração em geração**

**sobre aqueles que O temem.**

*Todos:*

**Cântico** *(com as mãos elevadas):*

**“A minha alma glorifica o Senhor”** *(só o refrão).*

*2º leitor:*

**Manifestou o poder do seu braço**

**e dispersou os soberbos.**

**Derrubou os poderosos de seus tronos**

**e exaltou os humildes.**

**Aos famintos encheu de bens**

**e aos ricos despediu de mãos vazias.**

**Acolheu a Israel, seu servo,**

**lembrado da sua misericórdia,**

**como tinha prometido a nossos pais,**

**a Abraão e à sua descendência para sempre.**

*Todos:*

**Cântico** *(com as mãos elevadas):*

**“A minha alma glorifica o Senhor”** *(só o refrão).*

## **II. PALAVRA**

### **1. Introdução**

*Presidente:*

Podem sentar-se...

Há uma coisa que ainda não contaram aos vossos familiares e convidados:

Quem é que nos tem falado de João Baptista e de Nossa Senhora?...

S. João Evangelista. Até lhe fizeram umas entrevistas.

Pois bem, já que foi S. João Evangelista quem nos apresentou as duas pessoas – S. João Baptista e Nossa Senhora – para, com elas, prepararmos esta festa de Natal, também vai ser ele – S. João Evangelista – quem hoje nos vai falar. Aliás, ele até nos prometeu isso mesmo na última entrevista. No fim, disse-nos: voltaremos a encontrar-nos na próxima catequese. Que é hoje.

Vamos então acolhê-lo. Mas bem.

E qual será o melhor modo de o recebermos?...

Cantando. Olhem: cantando um **cântico** em que as palavras que dizemos estão escritas no seu Evangelho. É S. João quem nos conta como, um dia, alguns discípulos de Jesus deixaram de andar com Ele.

E que perguntou Jesus aos Doze Apóstolos?...

“Também vós quereis ir embora?”

E que respondeu S. Pedro, em nome dos outros?...

Exatamente: “A quem iremos Senhor? Tu tens palavras de vida eterna”.

É o melhor que podemos dizer a Jesus. Até porque também nos ficámos com Ele. E hoje até trouxemos outras pessoas para também estarem com Ele.

Vamos então acolher S. João Evangelista, ou melhor, Jesus de quem S. João nos fala, cantando-lhe: “Tu tens palavras de vida eterna”!

Todos de pé... voltemo-nos para a porta, por onde vai entrar Jesus, presente na Bíblia...  
E cantemos:

## **2. Cortejo da Palavra**

*Da porta de entrada (de preferência, ao fundo da sala) entram duas crianças, com duas velas acesas, seguidas de uma outra, com a **Bíblia** (fechada) nas mãos (junto ao peito),*

e uma terceira, com os **dísticos** (nas mãos, (junto ao peito), “**O VERBO QUE ESTAVA COM DEUS**” e (por trás deste) “**FEZ-SE CARNE E HABITOU ENTRE NÓS**”.  
Chegadas à frente, colocam-se por trás da mesa (entre esta e o placar), voltadas para os outros: ao meio, as que têm a Bíblia e os dísticos; dos lados, as que têm as velas.  
Durante tudo isto, cante-se:

### 3. Cântico

“**Tu tens palavras de vida eterna**” (estrofes 9 e 10).

### 4. Admonição

Presidente (ao centro das 4 crianças):

Para melhor compreendermos o que S. João Evangelista nos vai dizer, vou explicar rapidamente o que significa o que a/o (nomes) acabaram de trazer.

Primeiro, a Bíblia: é nela que está escrito o Evangelho segundo S. João, juntamente com muitos outros livros. Em todos eles é Deus quem nos fala. Por isso nós temos muito respeito por este livro maravilhoso.

E qual é então o melhor lugar para ele? – Ao centro da mesa, em cima desta bela almofada...

Agora, esta mesa é a mesa da Palavra.

A criança, com a **Bíblia**, coloque-a em cima da almofada.

Vamos agora às palavras que o/a (nome) tem nas mãos. São palavras escritas por S. João, logo no princípio do seu Evangelho. A primeira é esta (lendo o **dístico**): “**O Verbo que estava em Deus**”. Quem será este “Verbo”?... Posso já dizer que é Jesus. Depois veremos por que é que S. João lhe chama Verbo.

Vamos afixá-la ao alto do placar.

Depois de afixar o **dístico** “**O VERBO QUE ESTAVA EM DEUS**”:

Acerca de Jesus, o Verbo de Deus, S. João também escreveu que Ele ( *lendo do **dístico***) “fez-se carne e habitou entre nós”. Com isto fala-nos do nascimento e Jesus. Afixemos estas palavras ao fundo.

*Depois de afixar o **dístico** “FEZ-SE CARNE E HABITOU ENTRE NÓS”:*

Finalmente as velas: mais duas. Sabem porquê?

Porque S. João ao escrever ( *lendo do placar:*) “O Verbo que estava em Deus, fez-se carne e habitou entre nós”, ao escrever isto, falou também da luz que Jesus pode ser para nós e para todos. Por isso é que vamos ouvir as palavras de S. João à luz destas velas.

A leitura vai ser feita por mim ( *ou outro adulto*) e pelo/a e o/a ( *nomes*) que trouxeram a Bíblia e as palavras afixadas no placar. O/a ( *nome*) lê a parte em que S. João também diz que “O Verbo estava em Deus”; eu ( *ou outro adulto*) leio a parte em que se fala da luz que é Jesus, o Verbo de Deus; o/a ( *nome*) lê aquela parte em que S. João também diz que o Verbo se fez carne e habitou entre nós.

Ouçam então, com a maior atenção.

*Pode cantar-se outra vez o **cântico**:*

**“Tu tens palavras de vida eterna”** ( *só o refrão*).

## **5. Proclamação da Palavra**

*Presidente (depois de pegar na Bíblia e a abrir em **Jo 1, 1-5.9-14**):*

**O Senhor esteja connosco.**

*Todos:*

**Ele está no meio de nós.**

*Presidente:*

**Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João:**

*Todos:*

**Glória a vós, Senhor.**

*1ª criança/leitor:*

**No princípio era o Verbo  
e o Verbo estava com Deus  
e o Verbo era Deus.**

**No princípio, Ele estava com Deus.**

**Tudo se fez por meio d'Ele  
e sem Ele nada foi feito.**

**N'Ele estava a vida  
e a vida era a luz dos homens.**

*Presidente (ou um adulto):*

**A luz brilha nas trevas  
e as trevas não a receberam.**

**O Verbo era a luz verdadeira  
que, vindo ao mundo,  
ilumina todo o homem.**

**Estava no mundo  
e o mundo, que foi feito por Ele, não O conheceu.**

**Veio para o que era seu**

**E os seus não O receberam.**

**Mas, àqueles que o receberam e acreditaram no seu nome,  
deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus.**

**Estes não nasceram do sangue,  
nem da vontade da carne,  
nem da vontade do homem,  
mas de Deus.**

*2ª criança/leitor:*

**E o Verbo fez-se carne  
e habitou entre nós.  
Nós vimos a sua glória,  
glória que lhe vem do Pai,  
como Filho Unigénito,  
cheio de graça e de verdade.**

*Presidente:*

**Palavra da salvação.**

*Todos:*

**Glória a vós, Senhor.**

## **6. Homilia**

*Presidente (depois de todos se sentarem):*

Por que será que S. João Evangelista chama a Jesus (*apontando para o respetivo dístico*) o Verbo? O que é um verbo?...

É uma palavra. Mas há um grupo de palavras a que chamamos “verbos”. Por exemplo se eu disser “Jesus está aqui”. Destas três palavras, qual é o verbo?...

Exato: “está”. O verbo é a palavra que diz o que alguém faz, ou como se encontra ou sente.

Pensemos agora num verbo que melhor diga o que Jesus mais fazia e que também nós devemos fazer. Qual será esse verbo?...

Para mim, é o verbo “amar”. Por exemplo, por que razão é que Jesus, naquele casamento em Caná da Galileia, transformou a água em vinho? Porque amava aquela gente. E porque é que Ele deu a sua vida por nós na cruz?... Porque nos ama.

Tudo o que Jesus fazia e dizia era sempre por amor.

E agora digam-me: haverá alguém capaz de nos amar tanto como Jesus?...

Há, sim. (*Apontando para o placar:*) É Deus. Por isso é que nós chamamos a Deus, por exemplo, quando lhe rezamos... Pai.

Deus é nosso Pai, por tantas coisas que Ele faz por nós. E é nosso Pai, sobretudo, por nos ter dado Jesus, seu Filho, que Ele tanto ama.

E por isso é que Jesus também nos ama tanto: porque Deus está n’Ele. O que Jesus faz e diz é Deus quem faz e diz por meio d’Ele.

Já percebem agora por que razão é que S. João chama a Jesus (*lendo do placar*): “O Verbo que estava em Deus”?...

Tudo o que Jesus faz – e nós dizemos por verbos e outras palavras – tudo isso é Deus que faz. Por isso Jesus é chamado Verbo ou Palavra de Deus. O melhor que sabemos de Deus, foi dito e feito por Jesus.

Olhem, eu conheço um *cântico* em que nós dizemos isso de Jesus; em que lhe cantamos:



## **“Jesus Cristo, Palavra de Deus, Palavra da salvação”.**

É fácil de aprender, porque a música é a mesma do cântico “Jesus Cristo, Cordeiro de Deus”.

*Depois de um breve ensaio (do refrão e 1ª estrofe):*

Agora digam-me (*apontando para o placar*): quando é que Jesus, o Verbo que estava em Deus, quando é que Ele se fez carne e habitou entre nós?...

Foi quando Ele se formou no corpo de Nossa Senhora. Foi então que Ele adquiriu um corpo, uma carne, semelhante à nossa.

E passou a viver no meio de nós.

É uma maneira bonita de falar do nascimento de Jesus, não é?

Então leiam todos comigo as palavras de S. João, escritas no placar:

**“O Verbo que estava em Deus fez-se carne e habitou entre nós”.**

Agora pensemos na luz. Será que Jesus é a nossa luz?...

Claro: guiados por Jesus, nós vemos muito melhor. Vemos, sobretudo, com os olhos do coração. Vemos com olhos de amor, o amor de Jesus e de Deus.

Por exemplo, foi Jesus, com a sua luz, que vos fez ir ao encontro de algumas pessoas para lhes falarem d’Ele e as convidarem a encontrar-se com Ele. Tal e qual como fizeram os Apóstolos, iluminados e guiados por Jesus.

É que nós não queremos que aos outros falte a luz de Jesus. Não queremos que eles andem nas trevas, na escuridão.

Quem não ama como Jesus, é como andar na escuridão. E quem anda nas trevas, na escuridão, não pode ser feliz. Por isso procuramos falar aos outros de Jesus. Dizer-lhes como Jesus os ama e os quer felizes.

E, então, nesta altura do Natal ainda é mais importante.

*Se houver crianças que realizaram o compromisso, proposto nas catequeses anteriores, o catequista faça uma referência a elas. Pode mesmo convidá-las a contar como decorreu o seu testemunho. Sobretudo se, entre os convidados presentes, estiverem pessoas por elas convidadas.*

Eu acho que chegou a altura de nós prestarmos uma pequena homenagem a Jesus, o Verbo que estava em Deus e se fez carne, para habitar entre nós. Foi assim que Ele, Jesus, nos fez filhos de Deus e se tornou luz para nós – uma luz que já levámos a outras pessoas.

Como devemos estar agradecidos a Jesus, por tudo isso!

Vamos mostrar a nossa gratidão, acolhendo, com alegria, a imagem do Menino Jesus que vai entrar na nossa sala, para estar no meio de nós.

Voltemo-nos para a porta... E cantemos.

### **III. EXPRESSÃO DE FÉ**

#### **1. Entrada da imagem do Menino Jesus**

*– Da porta da sala (por onde entraram as crianças com a Bíblia), entram duas crianças, com duas **velas acesas**, seguidas de uma terceira (pode ser um adulto) com a **imagem do Menino Jesus**, nas mãos (levemente estendidas para a frente), e caminham lentamente, até se colocarem, voltadas para as outras, entre o placar e a mesa. Aí se mantêm, enquanto durar o **cântico** que acompanha todo o cortejo.*

#### **Cântico:**

**“Jesus Cristo, Palavra de Deus”** (1ª e 2ª estrofe)

*Terminado o **cântico**, a criança com a imagem, coloque-a em cima da Bíblia (aberta em Jo 1, 1ss), voltada (tal como a Bíblia) para a assembleia. As que levaram as velas, coloquem-nas junto das restantes quatro (3 de cada lado da Bíblia).*

## 2. Veneração do Menino Jesus

*Presidente (depois de convidar todos a sentarem-se):*

Que lindo está o Menino Jesus não acham?...

Ali, mesmo em cima da Bíblia que fala d'Ele e onde Ele nos fala!

E olhem: está deitado mesmo em cima das palavras que S. João, há pouco, nos dizia dele: aquelas em que ele diz que (*lendo do placar*): “O Verbo que estava em Deus fez-se carne e habitou entre nós”.

Ali, está Jesus, O Verbo ou Palavra de Deus, feito carne, em cima das suas palavras, do livro que é a Palavra de Deus!

Que belo presépio! Neste, nem precisamos de outras imagens.

Aliás, é isto que, por exemplo, Nossa Senhora, nos diz: “Fazei o que Ele vos disser!” Isto é, olhem só para Ele. Só Ele interessa: Ele, o Verbo ou Palavra de Deus.

Ouçam e façam o que Ele vos diz.

Não precisamos de mais nada. Só Ele basta, e a Palavra que Ele nos diz aqui na Bíblia.

E agora até está mais iluminado: com seis velas, tantas como as talhas de água que Ele transformou em vinho, em sinal do seu amor.

Vamos então, prestar-lhe a nossa homenagem.

Vai ser assim: cada um de vós, em silêncio e com muito respeito e carinho, vem aqui à frente. E, quando chegar junto da mesa, toca com a mão direita na imagem do Menino Jesus ou na Bíblia e depois benze-se. Ao fazer isto, cada um está a dizer que quer ouvir e fazer o que Jesus nos manda na Bíblia. Isto é, quer ter aquele grande amor que Jesus nos mostrou sobretudo na cruz, onde deu a sua vida por nós. Por isso é que nós fazemos o sinal da cruz, ao benzer-nos.

Enquanto todos fazemos isto, cantaremos o *cântico*:

**“Tu tens palavras de vida eterna”.**

*O presidente seja o primeiro a fazer os gestos referidos.*

*De seguida, mantém-se junto da mesa e, à medida que as crianças e os adultos fazem o mesmo, entregue a cada pessoa (depois de realizar os gestos) um **marcador** de livro em que figure a imagem de Jesus em cima da Bíblia (ao centro) e as palavras “Jesus Cristo” (ao alto), “Palavra de Deus” e “Palavra da salvação” (ao fundo).*

### **3. Cântico** *(durante a veneração)*

**“Tu tens palavras de vida eterna”** *(estrofes 9 a 12 e, se necessário, outras).*

### **4. Oração**

*No final, o presidente convide todos os presentes a rezarem, em coro, a oração que Jesus nos ensinou, a oração que também se encontra na Bíblia:*

**“Pai nosso...”**

## **IV. ENTREGA DAS BÍBLIAS, DESPEDIDA E CONVÍVIO**

### **1. Entrega das Bíblias**

*Presidente (depois de convidar todos a sentarem-se):*

Gostam dessa folhinha que acabaram de receber?...

Que está escrito nela?...

Digam todos, ao mesmo tempo:

**“Jesus Cristo, Palavra de Deus, Palavra da salvação”.**

Jesus Cristo, tal e qual como está ali no presépio: em cima da Bíblia.

É sobretudo lá que Ele nos fala e nos ensina a amar, para que todos se salvem.

E já repararam na forma dessa folhinha?...

Tem a forma de um marcador de livro, não tem?

Então vamos à prenda que os vossos pais (*ou padrinhos*) têm para vos oferecer.

Peço que eles a tragam e venham aqui à frente, colocando-se em duas filas, uma de cada lado da mesa com a Bíblia e a imagem do Menino Jesus.

*Depois de todos estarem nos referidos lugares (sendo muitos, as filas podem estender-se ao longo das paredes da sala), o catequista convida as crianças a aproximarem-se dos respetivos pais, que lhes fazem a entrega da sua Bíblia, podendo acompanhar a entrega com palavras e gestos indicativos de gratidão e carinho.*

## **2. Entrega das folhas e compromisso**

*Presidente (depois de todos se sentarem):*

Que bela surpresa os vossos pais vos fizeram!

Vê-se mesmo que gostam muito de vós!...

E querem que cada um de vós conheça ainda melhor a Palavra de Deus, escrita na Bíblia.

Agora, cada um de vós já tem a sua. Já a podem ler lá em casa e trazê-la para aqui em cada encontro de catequese. Não se esqueçam: daqui em diante, devem trazer a Bíblia, cada vez que vêm à catequese, juntamente com o catecismo e as folhinhas com “A Palavra de Deus na minha vida”.

Tenho aqui mais uma para cada um de vós.

*Depois da sua distribuição das folhas:*

## **3. Compromisso**

Agora têm mais tempo, porque são férias. Convido-vos, por isso, a conhecerem melhor a Bíblia que receberam. Podem desfolhá-la, lá em casa, ver em quantas partes está dividida, quantos livros tem, etc. ...É a vossa Bíblia pessoal.

Há uma coisa que eu vos peço para fazerem até à próxima catequese: que, lá em casa, cada um descubra, na sua Bíblia, onde se encontram as palavras que S. João Evangelista nos disse hoje.

Essas palavras também estão no catecismo. E no catecismo também estão, ao fundo do texto, umas letras e uns números. Essas letras e esses números são para vos ajudar a encontrar o mesmo texto na Bíblia.

Depois de o encontrarem, escrevam esse texto, como está na Bíblia, para a vossa folhinha com “A Palavra de Deus na minha vida”.

E tragam tudo para a próxima catequese: a Bíblia, o catecismo e mais essa folhinha, mas preenchida como eu disse.

Os vossos pais (ou outros familiares) vão, de certeza, ajudar-vos.

Os marcadores que receberam são para porem na Bíblia. Podem pô-los a marcar o princípio do Evangelho segundo S. João, que hoje ouvimos.

### **3. Cântico final**

**“Jesus Cristo, Palavra de Deus” (ou “Tu tens palavras de vida eterna”)**

### **4. Convívio**

– *As crianças, seus pais, familiares e convidados podem partilhar um leve lanche: uma bebida (para os adultos, pode ser vinho do porto, a lembrar as Bodas de Caná) e uns bolos (podem ser idênticos aos “pães por Deus” das catequese 5 e 6).*

– *Durante o convívio, o catequista ajude e incentive os pais a colaborarem com os filhos, nomeadamente na realização das tarefas propostas atrás, esclarecendo, se necessário, algumas dúvidas.*

*O catequista pode ainda explicar melhor como as crianças estão a escrever um livro, sobre a Palavra nas suas vidas. Algumas das páginas já elaboradas podem estar expostas – inclusivamente fotocopiadas no tamanho A4 e expostas com cuidado nas paredes.*

## **5. Para guardar na memória e no coração**

**Jesus Cristo é o Verbo de Deus**

**que estava com Deus**

**e se fez carne**

**para habitar entre nós.**

**(cf. Jo 1,1-14).**